

*Memórias
de uma
Guerra*

Moçambique

A Cardoso Martins



Rebentamento de uma mina no "Chindorilho, entre Mueda / Sagal, 14 de Fevereiro de 1969



Rebentamento de uma mina sob uma viatura FOX, no Largo do Aço, em 17 de Outubro de 1969

Vista aérea de Mueda





Mueda - Altitude 840 m - À saída em direcção às Águas, 01 de Março de 1970



Coluna no Chindorilho, 14 de Fevereiro de 1970

Um cartaz muito conhecido de quem esteve em Mueda:



O Autor não assinou mas deixou a data
02 de Agosto de 1967

A. Cardoso Martins na imagem

Memórias de uma Guerra

Índice

Moçambique

Militares de Moçambique

O Nosso Monumento

A outra luta

Combatente indignado

Moçambique

Quando chegava a altura
De irem tirar as sortes
Ficavam todos apurados
Eram saudáveis e fortes.

Não servia de nada
Mesmo com os pés chatos
Iam todos à tropa
Nem que fossem lavar pratos.

O Exército os chamava
Ou outra arma qualquer
Mesmo que fossem casados
Lá iam sem a mulher.

Terminada a recruta
E também a especialidade
Seguiam p'ro Ultramar
Sem nenhuma vontade.

Os que iam da Metrópole
Tinham dois anos de comissão
Regressavam depois à terra
Sem trazerem nada na mão.

O Ultramar estava à espera
E os *velhinhos* também
Quando saíam de casa
Boa sorte ! Dizia a mãe.

Não chores mais ! Dizia o filho
Dois anos passam depressa
Reza muito por mim
Verás que o teu filho regressa.

Os pais choravam muito
Sem poderem fazer nada
A família ficava triste
Mais a sua namorada.

Eram todos muito novos
Com o sangue na guelra
Muitos, morreram em combate
Naquela maldita guerra.

Era o Estado que os chamava
Para aquela comissão
Ainda hoje lhes é devido
O que fizeram p'la Nação.

A viagem era de barco
Império, Vera Cruz ou Niassa
Sem saberem o que os esperava
Uma guerra uma ameaça.

No dia do embarque
A alegria era aparente
O posto não importava
Soldado, furriel ou tenente.

O embarque era em Lisboa
Ali perto de Belém
Por esses mares fora
Para terras de além.

Quando o navio "zarpava"
Os familiares diziam adeus
O cais estava cheio
Cada um despedia-se dos seus.

E lá seguiam viagem
Para outro Continente
Com destino a Moçambique
Com dois anos p' la frente.

Chegados a L.ço Marques
Aos santinhos pediam sorte
Esperavam pelo barco
Que os levasse até ao Norte.

Já sabiam o destino
Em companhias colocados
Longe uns dos outros
Por muitos quilómetros separados.

Quem ia p' ro Rovuma
Certamente já o sabia
Outros p' ra Marrupa
Pundanhar, Negomane ou Macomia.

Uns p' ra Cabo Delgado
Outros iam para Tete
Os que ficavam em Nampula
Tinham sempre melhor sorte.

Outros foram p' ra Mueda
Com destino ao Esquadrão
Ou p' ra outra companhia
Integrados num pelotão.

Também já sabiam
O posto que iam ter
Aquilo que não sabiam
Era a guerra que iam ver.

E p' lo Norte estiveram
Sensivelmente dois anos
A ouvir granadas e morteiros
E balas a saírem dos canos.

Aqui começa a guerra
No Distrito de Cabo Delgado
Durante aquele tempo
Vestiram o camuflado.

Emboscadas foram muitas
As minas eram *mato*
Todos têm essas provas
Que guardam em retrato.

Depois foi sempre igual
Durante a estadia
De noite mais um ataque
Emboscadas eram de dia.

Em Mueda deixaram
A sua mocidade
Nos arredores também
Por ex. em Nangade.

Assim como em Tete
Ou em Vila Pery
Nangololo ou Rovuma
Muidumbe ou Nancatary.

Todos deram o melhor
Outros um pouco mais
Muitos deram o corpo
Que não foi visto p' los pais.

Nampula todos conhecem
Sede do Quartel " Geral "
Era aqui que vivia
Kaulza de Arriaga General.

Só era evacuado
Quem um tiro apanhou
Numa perna ou num braço
Ou a cabeça lhe furou.

E o tempo ia passando
O camuflado a ficar roto
Terminada a duração
Iam logo levantar outro.

Em certa altura passavam
De *checas* a *velinhos*
Todos apanhados do clima
Já falavam sozinhos.

Já eram os sintomas
Que a missão chegava ao fim
Outra doença não seria
Outra razão não vejo assim.

Quando o substituto chegava
Era dia de alegria
Tristeza p´ra quem chegou
Satisfação p´ra quem partia.

Com a guia de marcha
Que tinham de ter na mão
Depois apanhar boleia
Ali em qualquer avião.

P´ra sair de Mueda
Era assim que se fazia
De coluna demorava muito
E autocarros não havia.

Agora já de volta
Sem trazerem o cantil
Foi entregue no espólio
Não necessário na vida civil.

O destino era Nampula
Ali passar à disponibilidade
Ficavam mais uns dias
À espera da liberdade.

Também lhe chamavam *peluda*
P´ra eles era igual
Queriam sair dali
Voltar à terra natal.

Regressavam à Metrópole
À sua terra natal
Alguns com marcas no corpo
Outros bocadinhos de metal.

Ainda hoje sofrem
Muitos Ex - combatentes
Com o *stress de guerra*
Outrora fortes e valentes.

Ainda hoje ouvem tiros
E sonham com operações
Não conseguem dormir
Sofrem de perturbações.

Regressavam muito cansados
De tantos sacrifícios também
O importante era voltar
P´ra junto da sua mãe.

Todos muito diferentes
Diziam que era do clima
As razões eram outras
Carga psicológica em cima.

Os pais cumpriam a promessa
De ir a Fátima rezar
Agradecer à Nossa Senhora
Que os guardou até voltar.

Começar a vida do zero
O Estado não ajudou nada
Arranjar algum emprego
E porque não uma namorada.

Agora sim, estavam livres
Entre os vinte e vinte e três
Iniciar nova "luta"
Estabilizar a vida de vez.

Outra luta continua
Agora p´los nossos direitos
Com o Ministério da Defesa
Não por trilhos tão estreitos.

" Quando os ricos fazem a guerra, são sempre os pobres que morrem. "
Jean - Paul Sartre, filósofo e escritor Francês (1905 - 1980)

Militares de Moçambique

No dia que fui chamado
Em Boane me apresentei
Ali fiz a recruta
Foi ali que eu jurei.

Fui p'ra Engenharia
Para ser Radiotelegrafista
Não sabia nada daquilo
Muito menos electricista.

Na Engenharia de L. ço Marques
Aprendi o " ti ri ri "
Seis meses depois
P'ra Mueda eu segui.

Embarquei no Niassa
Que demorou uma eternidade
O destino era Mocimboa
Que recordo com saudade.

Ceguei a Mocimboa da Praia
Onde a coluna me veio buscar
Quando cheguei ao " largo do aço "
Ouvi morteiros a rebentar.

Era a segurança de Diaca
A fazer o reconhecimento
E eu sem saber de nada
Tinha outro pensamento.

Naquele largo eu vi
Viaturas danificadas
Perguntei, o que foi aquilo?
São viaturas minadas.

Estavam fora da picada
Ali foram deixadas
Por não terem conserto
Foram ali abandonadas.

Era um monte de ferros
E de chapas calcinadas
Efeitos de uma guerra
E de minas rebentadas.

É daqui que vem o nome
Daquele " largo do aço "
Tanto ferro, tanta chapa
À mistura com muito aço.

Lá fomos andando
Com velocidade reduzida
Perguntei porquê
Receio duma mina escondida.

Chegámos a Diaca
Já perto da noitinha
Demorámos muito tempo
A tirar minas, que a picada tinha.

No dia seguinte
Passámos na *curva da morte*
Até ao Sagal tudo bem
Mas disseram-nos, tiveram sorte !

No Sagal ficámos
Até ao outro dia
Já era madrugada
E eu ainda não dormia.

Mais um dia de coluna
Passámos no areal
Chegámos a Mueda
Sem ninguém nos fazer mal.

Sabia p´ra onde ia
Esquadrão de Cavalaria dois
Não sabia qual o pelotão
Só vim a saber depois.

O segundo pelotão me calhou
Ali fiquei até ao fim
Quando fui substituído
Lágrimas nos olhos eu senti.

Aqui me juntei
Aos militares da Metrópole
Moçambicanos também
Na cavalaria sem galope.

Tantas operações fizemos
Em três estive presente
"Doninha", "Zeta" e "Nó Górdio"
Vão ficar na minha mente.

Aquelas colunas a Mocimboa
Passar na *curva da morte*
Se não houvesse emboscada
Era dia de muita sorte.

*Largo do aço e Diaca
Mais a diante o Sagal
Antes de chegar a Mueda
Chindorilho ou Areal.*

Quinze de Jul. de sessenta e nove
Chindorilho foi o local
A minha primeira emboscada
Eram oito horas e tal.

Lembro-me como se fosse hoje
Em Maio de 2004 lá passei
Sensivelmente naquele sítio
Aquela data recordei

Esquadrão de Cavalaria dois
Com a Fox e Granadeiro
Quando saía em missão
O rebenta - minas era o primeiro.

Era preciso ter coragem
E sangue frio todos os dias
Conduzir um rebenta - minas
Só Homens como o **Matias**.

O Esquadrão ia a todas
P' ra tudo era chamado
Todos se sentiam seguros
E p' lo inimigo respeitado.

Éramos muitos e bons
Todos escolhidos a dedo
Cavaleiros valentes
Que de nada tinham medo.

Quando havia fogachada
Era sinal de perigo
Se o Esquadrão respondia
Ó pernas meu inimigo!

O Esquadrão tinha um lema
Força Ardil e Coração
Ali passámos a juventude
Ao serviço da Nação.

Lutámos com astúcia
Ou melhor, com *ardil*
Comemos muita ração
Com pouca água no cantil.

Todos temos um episódio
Uma história p´ra contar
Que por serem verdadeiras
Todos podem acreditar.

Lembro as madrinhas de guerra
Só eu tinha vinte e cinco
Umhas louras outras morenas
Outras bonitas como um brinco.

Pouco tempo depois
Pedíamos a fotografia
Na volta lá ia a nossa
Ainda era o que nos valia.

Dava um certo ânimo
Receber um *bate - estradas*
Depois de algum tempo
Algumas, passavam a namoradas.

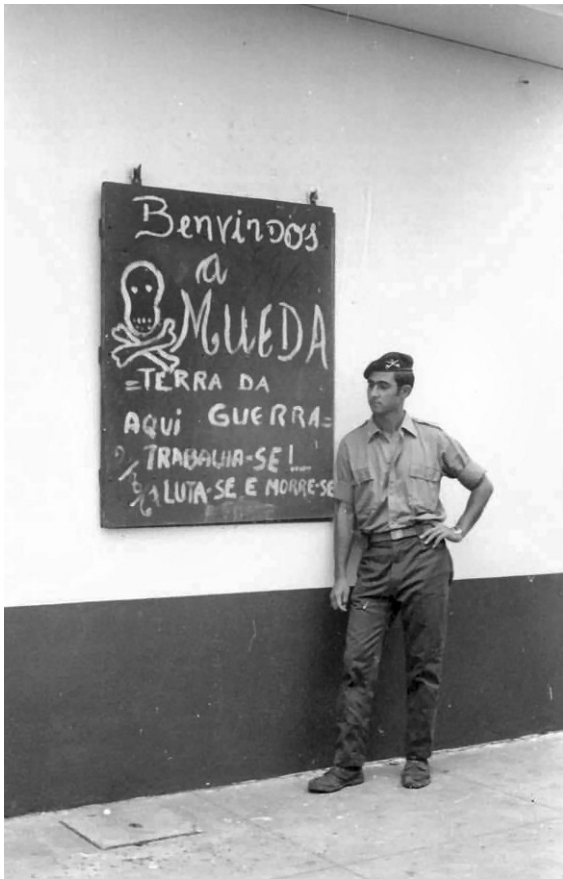
Com nenhuma delas casei
Foram todas despedidas
Umhas não tinham dinheiro
Outras andavam mal vestidas.

Quando o meu *checa* chegou
Eu pulei de alegria
Ele estava triste
Eu contente porque partia.

Terminada a missão
Deram-me a guia de marcha
Foram vinte e sete meses
Chegou, o que é que o amigo acha!

Fui depois p´ra Nampula
Onde passei à disponibilidade
Mais um mês nos Adidos
À espera da **Liberdade**

Nota: Um dia, alguém escreveu este cartaz, que estava no A. M. em Mueda.



Benvindos a Mueda
= Terra da guerra =

Aqui trabalha-se !... Luta-se e morre-se.
Ao lado estava uma caveira.
O autor não assinou mas deixou a data 2-8-67

Lembram-se !

Este cartaz é elucidativo
Do que foi esta terra
Mueda Cabo Delgado
Foi o palco de uma guerra.

" Mais do que riqueza, quero paz."
Ludovico Ariosto, poeta Italiano (1474 - 1533)

Finais de 68 a Fev. de 71.

Por: *A. Cardoso Martins*

2003

O Nosso Monumento

Finalmente foi construído
O Monumento dos Combatentes
Quem o for visitar
Vai sentir emoções quentes.

Podem ser muito fortes
Mas vão sentir um arrepio
As lágrimas vão correr
Ou ficam presas por um fio.

Lá estão todos os nomes
Naquele muro gravados
De todos os que tombaram
Oficiais, sargentos e soldados.

Ali naquele muro
As letras são iguais
Têm o mesmo tamanho
Sejam soldados ou generais.

Dá uma tristeza tão grande
Ler nomes conhecidos
De amigos ou familiares
Muitos milhares desconhecidos.

Comove qualquer pessoa
Ninguém fica indiferente
Perguntamos aos nossos botões
Porque morreu tanta gente?

Para ler tantos nomes
Será preciso um dia inteiro
Descobri um nome de infância
Chamava-se Abílio Ribeiro.

Morreram aos milhares
Foram registados **nove mil**
Foram mortos com balas
Com forninhos e " trotil".

Nomes que ficam na história
Pela pior razão
Morreram em combate
Ao serviço da Nação.

Combateram por uma causa
Quer queiram quer não
Foram mandados p' ra guerra
Pelo regime de então.

Muitos trouxeram cicatrizes
Um as pequenas outras não
Todos voltaram à terra
Uns vivos outros no caixão.

Muitos de lá trouxeram
Marcas de feridas p'lo corpo
Mesmo assim já foi sorte
Pior que tudo era estar morto.

Milhares fizeram a viagem
Numas caixas deitados
Nunca mais ninguém os viu
Os caixões vinham chumbados.

Outros por lá ficaram
Em cemitérios sepultados
Depois foram esquecidos
Simplesmente abandonados.

Todos os cemitérios tinham
Um talhão reservado
O Combatente que morria
Era ali sepultado.

E ali ficaram
No cemitério da terra
Morreram em combate
Naquela maldita guerra.

Nós cá neste mundo
Continuamos a "lutar"
Numa guerra mais calma
Porque a vida não pode parar.

" Na paz os filhos enterram os pais. Na guerra os pais enterram os filhos "
Francis Bacon, filósofo e político Inglês (1561 - 1626)

Por: *A. Cardoso Martins.*

2003

A outra luta

Parece que é desta
Que vão dar um rebuçado
Para muitos já é tarde
Por chegar muito atrasado.

Vai contar p'ra reforma
O tempo que lá andaram
Mas não paga o sofrimento
Que todos lá passaram.

Para muitos já é tarde
Já se foram, já morreram
É vergonhoso ouvir dizer
Que os pais nada receberam.

Seja como for não paga
Tanto sangue derramado
O sofrimento de muitos pais
E pela Nação ignorado.

Já se fez alguma coisa
Mas há muito por fazer
Temos que ser mais fortes
Não podemos adormecer.

Uma palavra também
Para tantos mutilados
Aos que ficaram sem pernas
Ou outros órgãos estragados.

Quando me lembro disto
Até me arrepio
Os meus olhos choram
Chego a perder o pio.

Levanto então a cabeça
Para tentar esquecer
Afinal de contas estou vivo
E muitas coisas p'ra fazer.

A amizade que se criou
Ainda hoje é recordada
Com convívios todo o ano
Uma grande almoçarada.

Todos os anos há um almoço
E também uma homilia
Por alma dos que partiram
Já deixaram esta família.

Estes convívios também servem
Para encontrar os amigos
Para avivar as memórias
Daqueles tempos perdidos.

Já passaram muitos anos
Mas a amizade continua
Recordamos velhas histórias
Cada um recorda a sua.

Cada ano aparece mais um
Mais velho, mais careca
Com o cinto no último furo
Nada parecido quando era *checa*.

Há um facto curioso
Que eu noto em cada ano
Quando falta alguém
Perguntamos, onde está fulano?

Mas a idade não perdoa
E alguns cabelos voaram
A barriga também cresceu
Foram os anos que passaram.

Trinta anos depois
A Cabo Delgado voltei
Pemba, Macomia, Chai, Diaca
E em Mueda almocei.

Foi uma viagem histórica
Toda ela uma aventura
Quando puderes vai
Que a vida pouco dura.

Por: *A. Cardoso Martins.*

2003

Combatente indignado

Tenho visto alguns debates
Sobre a guerra colonial
Mas só contam uma versão
Não é justo e fica mal.

P'ra tais debates são convidados
Pessoas com altas patentes
Os soldados ficam de fora
Mas foram eles os combatentes.

Sem eles não há história
De registos e acontecimentos
São testemunhos de quem viu
De quem estava nos momentos.

Talvez falta de coragem
Ou com medo de falar
Desde que seja verdade
Ninguém nos pode calar.

Nunca ouvi contar
As atrocidades do "inimigo"
Mas elas aconteceram
Eu vi e quem estava comigo.

Todos atribuem a culpa
Ao Exército Português
Mas o "inimigo" tinha armas
De fabrico Russo e Chinês.

De Palma a Nangade
Rovuma, Mueda e Sagal
Onde tombaram camaradas
Quem os matou afinal?

Uma guerra não se faz
Com um exército sozinho
Falem também do outro
Nem que seja um pouquinho.

De uma vez por todas
Acabem com isto de vez
Digam aos Portugueses
Aquilo que a Frelimo fez.

Não queiram tirar valor
Àqueles Soldados Valentes
A quem deram o estatuto
De Ex - combatentes.

Tantos Capitães de Abril
Pelos P R condecorados
E os Ex - combatentes
P' los governos ignorados.

Os elogios são muitos
Aos militares de Abril
Mas nunca beberam água
Nos charcos ou p' lo cantil.

Muitos não foram à tropa
Não cumpriram o seu dever
São heróis nacionais
Sem uma batalha vencer.

Falam muito em democracia
Têm diploma com alguns valores
Mas não têm na caderneta
Como nós, um ou mais louvores.

Não quero atingir ninguém
Não foi essa a intenção
Cada um diz o que pensa
Esta é a minha opinião.

Não falo de política
Não é esse o meu caminho
Eu sou Ex - combatente
Somos muitos, não estou sozinho.

Outros Ex - combatentes
Também eles Portugueses
Das nossas Ex - colónias
Lembro-me deles muitas vezes.

O Estado serviu-se deles
P' ra lutar do nosso lado
Depois abandonou-os
Dezenas ficaram mutilados.

Lá ficaram na sua terra
Entregues à sua sorte
Esquecidos e sem apoios
À espera que chegue a morte.

Escrevi estas quadras
P' ra que fiquem na memória
Do que foi aquela guerra
Acabou com pouca glória.

Hoje não há mais guerra
Não vai haver emboscada
Podemos andar na rua
De cabeça levantada.

" Prefiro incomodar com a verdade do que agradar com adulações. "
Lúcio Anneo Sêneca, moralista filósofo latino (4 a. c. - 65 a. c.)

" A glória apenas é um bem quando somos dignos dela. "
George Louis Leclerc Buffon, escritor Francês (1707 - 1788)

Um abraço para **todos** os Ex - combatentes.

Por: *A. Cardoso Martins*.

Maio de 2006

